



Prof-Artes
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS – IHAC
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

ANA PAULA REIS OLIVEIRA

**A ARTE COMO ESPAÇO DE RECONHECIMENTO ÉTNICO RACIAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

SALVADOR – BAHIA

2025

ANA PAULA REIS OLIVEIRA

**A ARTE COMO ESPAÇO DE RECONHECIMENTO ÉTNICO RACIAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Proposta pedagógica apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes), na Universidade Federal da Bahia, como exigência para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr^a. Paola Barreto Leblanc

SALVADOR – BAHIA

2025

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Oliveira, Ana Paula Reis.

A arte como espaço de reconhecimento étnico racial na educação infantil / Ana Paula Reis Oliveira. - 2025.
49 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Barreto Leblanc.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2025.

1. Arte na educação. 2. Educação multicultural - Humildes (distrito, Feira de Santana, BA). 3. Pedagogia culturalmente relevante. 4. Cultura afro-brasileira - Estudo e ensino - Humildes (distrito, Feira de Santana, BA). 5. Escola Municipal Doutor João Duarte Guimarães Humildes (distrito, Feira de Santana, BA). I. Leblanc, Paola Barreto. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos. III. Título.

CDD - 370.117098142

CDU - 37.013.43(813.8)

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA - DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO
PARA O MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**

Área de Concentração: Ensino de Artes

Linha de Pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes

Atendendo à legislação vigente, às 10h do dia 30 de maio de 2025, através da plataforma virtual ConferênciaWeb RNP, reuniu-se a Banca Examinadora, presidida pela Professora Doutora Orientadora **Paola Barreto Leblanc**, e formada pelas professoras doutoras **Angela Maria Ribeiro** e **Karliane Macedo Nunes**, e a fim de arguirem sobre o Trabalho de Conclusão de Mestrado da Aluna **Ana Paula Reis Oliveira** intitulado “**A ARTE COMO ESPAÇO DE RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE ÉTNICO RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**”, requisito final para a obtenção do título de **Mestre em Artes**. Aberta a sessão pela Presidente, coube à mestrandona, na forma regimental, expor o tema de seu Trabalho de Conclusão, fendo o que, dentro do tempo regulamentar, foram apresentadas as arguições pelas professoras membros da Banca Examinadora. Em seguida, deram-se as explicações que se fizeram necessárias. Em ato contínuo, a Banca Examinadora reuniu-se reservadamente para proceder à avaliação final, conforme critérios estabelecidos pelo Regimento do Programa, sendo o trabalho:

X Aprovado Aprovado com alterações Reprovado

Destaca-se:

A relevância do projeto e seu impacto para as práticas antirracistas no ambiente escolar. A banca destaca o investimento do trabalho no intercâmbio entre conhecimentos acadêmicos fundamentados teoricamente e experiências e ações desenvolvidas no âmbito da escola e do território em que se inscreve.

Recomenda-se:

Revisão do texto, considerando apontamentos feitos pela banca, antes do depósito no repositório da UFBA.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo acadêmico.

Salvador, 30 de maio de 2025.

Banca Examinadora:

Prof. Dr.^a Paola Barreto Leblanc

Documento assinado digitalmente
gov.br PAOLA BARRETO LEBLANC
Data: 01/06/2025 12:46:48-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Presidente/Orientador

Prof.ª Dr.ª Ângela Maria Ribeiro

Documento assinado digitalmente
gov.br ANGELA MARIA RIBEIRO
Data: 03/06/2025 07:40:41-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Membro externo

Prof.ª Dr.ª Karliane Macedo Nunes

Documento assinado digitalmente
gov.br KARLIANE MACEDO NUNES
Data: 02/06/2025 08:33:33-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Membro interno/PROF-ARTES

De acordo: Ana Paula Reis Oliveira

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA PAULA REIS OLIVEIRA
Data: 03/06/2025 18:49:15-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Acadêmica

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma abordagem étnico-racial, voltada para as artes, tendo como objetivo valorizar a identidade negra através do reconhecimento da beleza da própria imagem, contribuindo para a construção da identidade dos estudantes do Grupo 05 da Educação Infantil, do Distrito de Humildes, bairro Limoeiro, da Escola Municipal Doutor João Duarte Guimarães, na cidade de Feira de Santana- Bahia. Foram utilizadas como ferramentas pedagógicas para trabalhar a cultura afro-brasileira, literaturas afro infantis, autorretrato e a linguagem fotográfica, fundamentando a arte visual como elemento de representação social da realidade. Através de um projeto institucional fixo na unidade escolar que tem como tema: *Africanidades: cultura, memórias e identidade negra*, foram realizadas atividades com o propósito de legitimar o que a legislação determina sobre incluir a cultura afro - brasileira no currículo escolar, por meio da lei 10.639/03, depois alterada para 11.645/08, além de proporcionar aos discentes a percepção sobre suas identidades socioculturais e assim, valorizar a estética negra, melhorar sua autoestima e promover discussões em sala de aula e na comunidade na qual estão inseridos.

Palavras-chave: Educação infantil, cultura afro-brasileira, artes, Lei 11.645/2008.

ABSTRACT

This research presents an ethnic-racial approach, focused on the arts, with the objective of rescuing black identity through the recognition of the beauty of one's own image, contributing to the acceptance of identity, of students in Group 05 of Education Children's, from the District of Humildes, Limoeiro neighborhood, from Escola Municipal Doutor João Duarte Guimarães, in the city of Feira de Santana-Bahia. It was used as a pedagogical tool to work with Afro-Brazilian culture, Afro children's literature, self-portrait and photographic language, substantiating visual art as an element of social representation of reality. Through a fixed institutional project in the school unit whose theme is: *Africanities: culture, memories and black identity*, activities were carried out with the purpose of legitimizing what the legislation determines about including Afro-Brazilian culture in the school curriculum, by means of law 10.639/03, later changed to 11.645/08 in addition to providing students the perception of their social identities and thus, value black aesthetics, improve their self-esteem and promote discussions in the classroom and in the community in which they are inserted.

Keywords: Early childhood education, Afro-Brazilian culture, arts, Law 11.645/2008

SUMÁRIO

Introdução.....	5
Capítulo I	
1.1-Identidade: Uma construção contínua.....	7
1.2 - A Educação infantil e a luta por um espaço antirracista.....	10
1.3 -Cultura na escola ...conexões africanas na educação infantil.....	12
Capítulo II	
2- A formação do professor e o ERER em Feira de Santana: As leis e os documentos em vigor.....	18
Capítulo III	
3.1 - Africanidades - O projeto.....	21
3.2 - A literatura infantil e suas contribuições.....	23
3.3 - Autorretrato: imagens de si.....	25
3.4 - A imagem da imagem: A fotografia espalhando africanidades.....	27
Capítulo IV	
4.1 - Proposta pedagógica.....	29
4.2 - I Momento: Ser uma criança antirracista.....	29
4.3 - II Momento: Reconhecimento identitário através do brincar.....	32
4.4 - III Momento: Uma expressão de identidade: Autorretrato.....	35
4.5- IV Momento: Fotografando nossa beleza negra.....	40
Capítulo V	
5.1- Os desafios da educação antirracista.....	44
6-Considerações finais.....	
Referências Bibliográficas.....	47

INTRODUÇÃO

Em 2019, ao iniciar meu trabalho na Escola Municipal Doutor João Duarte Guimarães como coordenadora pedagógica, percebi que as questões étnico-raciais eram somente pautadas no mês da consciência negra (novembro). A minha inquietação sobre a proposta de trabalhar exclusivamente em datas comemorativas, fez com que eu elaborasse um projeto intitulado *Africanidades: Cultura, Memória e Identidade negra*.

Esse projeto contempla alunos do Grupo 03 ao Grupo 05 (educação infantil), do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I (anos iniciais), do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II (anos finais) até a EJA (Educação de Jovens e Adultos), promovendo uma educação ética, contemplando temáticas significativas capazes de desenvolver a reflexão, convivência respeitosa e práticas antirracistas, através de vídeos, músicas, leitura de imagens, literatura afro infantil, brincadeiras, culinária, teatro, dança e exposições.

O projeto foi pautado pela determinação das leis 10.639/2003 e a 11.645/2008 respectivamente. Inicialmente, a Lei 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro – brasileira, promovendo uma mudança na narrativa histórica, reconhecendo o protagonismo e dos povos e da cultura africana, além de propor uma crítica ao modelo eurocêntrico fundamentado em nosso país. Em seguida a lei 11.645/2008 ampliou a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a temática “História e Cultura afro-brasileira e indígena”. Assim, a elaboração do projeto segue as orientações das leis, propondo novas diretrizes curriculares no ensino básico.

Em 2022, após o período da pandemia do Covid-19, coloquei o projeto em prática, estruturando etapas de aprendizagens e debates durante todo o ano letivo, como a lei 11.645/08 determina, que as unidades de ensino no Brasil passem a implementar o estudo da história e da cultura afro-brasileira, africana e indígena.

A escola tem como compromisso incluir todos, no que diz respeito às questões de isonomia e equidade, mas sabemos que neste mesmo espaço ocorrem as situações discriminatórias e racistas, que podem marcar, inevitavelmente, os assuntos de caráter emocional na vida de uma criança para

o resto da vida. Neste sentido, trazer vivências positivas para o ambiente escolar impulsionar o desenvolvimento da subjetividade da criança, por meio de um processo positivo de identificação com a sua raça e etnia e valorização da cultura afro-brasileira.

Sendo assim, o projeto pedagógico *Africanidades: Cultura, Memória e Identidade negra* foi estruturado em quatro etapas: apresentações de vídeos com histórias e musicais sobre a potência negra, leitura de paradidáticos afro-infantis, construção do autorretrato, fotografia tirada pelos próprios alunos e desfile de penteados e tecidos africanos, com objetivo de enfatizar a importância e legitimização da imagem para o processo de construção da identidade dos alunos da educação infantil, além de incentivar o processo de valorização da identidade negra, através do uso da fotografia como instrumento pedagógico.

A educação infantil é a base da formação do ser humano e da construção das diversas identidades. Sendo assim, essas características precisam ser respeitadas, oportunizando à criança o direito à convivência, o desenvolvimento, o conhecimento e o respeito às diferenças culturais e étnico-raciais. A utilização de literaturas afro-infantis, vídeos, músicas, fotos, desenhos, propicia a construção de valores de forma positiva, afirmando a identidade étnico-racial, além de desenvolver as emoções, a imaginação e sentimentos de forma bastante prazerosa, contribuindo para a diversidade cultural, desenvolvimento da autoestima, promovendo a aceitação de si e do outro, se integrando no meio social de forma lúdica e, através das interações, formando a história de vida de cada aluno.

Numa perspectiva antirracista, faz-se necessário construir estratégias para implementar o debate sobre as relações étnico-raciais na escola. A instituição escolar é legalmente encarregada de realizar práticas e ações, a fim de contribuir para o desenvolvimento teórico-prático desse tema. Assim sendo, o projeto evidencia a importância de estratégias positivas para combater as ações racistas, promover a “auto” aceitação e dimensionar de forma prática a construção de uma imagem positiva de si e dos outros. Nilma Lino (2002) contribui com essa perspectiva, quando afirma que:

(...) o tornar-se negro enquanto uma construção social e individual se materializa na concretude de sujeitos sociais, dotados de identidade, corporeidade e memória. Esses sujeitos, ao se relacionarem com o mundo, o fazem a partir de uma diferença que não é só cultural e

histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade. Africanidade e brasiliade inscritas num corpo, muitas vezes, de maneira tensa e ambígua. No corpo negro e mestiço do brasileiro e da brasileira, a africanidade, como conformadora da identidade negra, incorpora e, ao mesmo tempo, extrapola os sinais diacríticos. Ela está nos gestos, na expressão estética, na arte, na linguagem, na música, na maneira de ser e ver o mundo. É a complexa relação do corpo visto e vivido na cultura, e da cultura negra vista e vivida num corpo.

A escola, como espaço de construção, deve trabalhar a partir dessas perspectivas citadas por Lino, e entender que é necessário construir juntos, uma pedagogia para a diversidade, capaz de construir novas práticas, abrir debates, reflexões e compreender que é necessário revolucionar ideias e disseminar as questões raciais de forma real e ao mesmo tempo política. As formações de professores e funcionários neste contexto, são de importante relevância para a inclusão de novas aprendizados e ressignificações. Barbara Carine (2023) também destaca que a escola é um complexo social e que deve ser composta por pessoas antirracistas, que sejam sensibilizadas pelo enfrentamento do processo racista e saibam construir um lugar de respeito e igualdade, potencializadoras de existências, um trabalho coletivo, na perspectiva comunitária de emancipação. Assim, entende-se que, o trabalho não deve ser somente feito para professores, mas para toda comunidade escolar. O caminho é lento, mas urgente.

1.1- IDENTIDADE: UMA CONSTRUÇÃO CONTÍNUA...

A identidade se desenvolve de forma mais efetiva na infância, como processo contínuo, possibilitando a integração da criança no meio histórico e cultural. A construção da identidade não se finda na infância, ela se transforma constantemente através das relações interpessoais e históricas agregando valores culturais, com grande influência da família.

A definição da identidade pessoal e sua representação é significativa quando favorece os aspectos sociais, afetivos e pessoais, onde as interações acontecem positivamente, e, a criança percebe-se como parte desta interação construindo novos valores e saberes. Sendo assim, as semelhanças e diferenças são absorvidas diante das relações com diversos grupos sociais aos quais a criança está inserida, construindo, de maneira positiva ou não, sua

identidade, pois acredita-se que é nas diferenças que aprendemos a conviver em comunidade, com igualdade, constituindo sua autoestima e auto imagem.

Quando falamos de identidade negra, construída a partir da valorização da cultura, permite-se desenvolver na criança racializada, sentimentos de pertencimento em relação a sua cor, sua história e de seus ancestrais. Quando colocada como base, o respeito e valorização da cultura afro-brasileira, fica mais fácil construir diversidade dentro do espaço escolar e na comunidade.

Nilma Lino (2008) considera a construção da identidade negra como um movimento que não se dá apenas a começar de um olhar de dentro do próprio negro a respeito de si mesmo e de seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está de fora.

É justamente nessas interações com o outro que a criança constrói sua identidade. Essa identidade não nasce com ela, mas é formada a partir das relações com o outro. Nesse sentido, a escola de educação infantil tem um papel primordial na construção da identidade negra de maneira positiva, afirmado e legitimando a identidade e valorização da cultura afro-brasileira.

Cada grupo étnico se apresenta a partir da cultura, dos comportamentos e valores, e a identidade vai sendo construída diante dos fatos históricos. À escola, cabe trabalhar anualmente a cultura e história de todos os grupos étnicos ali inseridos, pois nesse ambiente é que a criança negra começa a entrar em conflito em relação a sua identidade, e, se a escola não oportunizar referências culturais e históricas, pode levar o aluno a negar sua própria identidade.

Paulo Freire (2004), fala que, a educação pode inspirar a criação de outros gestos, de outras palavras e vivencias a favor da diversidade nas escolas, oportunizando pedagogias comprometidas com o combate a toda manifestação de discriminação racial. Assim o projeto *Africanidades: cultura, memória e identidade negra* coloca em prática ações afirmativas capazes de produzir positivamente esse sentimento de pertencimento em relação a sua identidade e cultura.

Sendo a escola esse espaço dinâmico, produtivo e gerador de saberes, trabalhar as relações étnico - raciais na educação infantil, principalmente as questões de identidade, levará o aluno a compreender o seu espaço no mundo, e entender o seu eu, diferenciando-o do outro, conhecendo a sua história e a história de seus ancestrais, por meio das relações sociais. Essa troca de

conhecimento oportuniza a construção da identidade pessoal e cultural dentro do meio social.

Segundo Cavalleiro (2001), a imagem exerce um papel de extrema importância na representação da formação da identidade, sendo que, na educação infantil, se concretiza a fase da formação do imaginário e compreensão do mundo, que acontece nas interações com o outro. Dar visibilidade às questões étnico-raciais, construindo imagens reais e positivas de diferentes povos sobre suas contribuições para formação do Brasil, proporciona a ampliação do universo sociocultural dos alunos, desvinculando os preconceitos perpetuados por gerações, promovendo a igualdade e o respeito à diversidade.

Na execução do projeto *Africanidades*, a construção da identidade na infância parte da premissa que, quanto mais cedo se tem referências por perto, sejam elas leituras, brinquedos, filmes, ou a própria construção familiar, consumindo intelectualidades diversas e plurais, as crianças terão mais condições de construir relações de pertencimento, empoderamento e conhecimento sobre seus direitos e sua história.

Na Escola João Duarte Guimarães grande parte dos alunos são negros (cerca de 90%), e, alguns pertencentes a uma comunidade quilombola, apesar da escola não estar inserida neste contexto. Mesmo pertencentes a essa comunidade, os estudantes não conhecem a história do lugar e dos seus ancestrais. Sobre as questões de identidade, cultura e memórias, a escola faz esse papel, trazendo uma contextualização a partir das histórias locais. Alguns funcionários, professores e pais de alunos mais antigos na comunidade, apresentam histórias da construção da identidade local, inclusive, das tradições culturais e memórias afetivas. Buscamos conhecer as histórias, através da verbalização das pessoas mais antigas que ainda convivem neste lugar e trazemos para o espaço escolar, a partir das rodas de conversas com os alunos. Convidamos pessoas que conhecem a história da comunidade e sua cultura para conversar com os alunos e trazer memórias importantes sobre lugar onde vivem. Um exemplo bem interessante é do porteiro da nossa escola. Ele reside na comunidade quilombola, de onde vem alguns estudantes da nossa unidade escolar. Por ser cordelista, ele conta através do recital de cordéis, fatos, biografias, histórias do povo negro e da constituição daquele espaço quilombola que está inserido na região onde fica a escola. Assim, através da literatura

cordelista, os alunos aprendem e conhecem suas origens e sua ancestralidade, trabalhando assim, com uma educação antirracista, promovendo um ambiente de respeito, inclusão e diálogo.

Dentro do contexto da educação antirracista é necessário e urgente incluir algumas discussões que caracterizam esse tema nas escolas do nosso país, dentre eles, o reconhecimento da existência do problema racial nas comunidades, reflexões permanentes sobre o racismo e suas consequências no ambiente escolar, mantendo o cuidado para as relações interpessoais entre crianças e adultos, repudiando qualquer tipo de atitude discriminatória ou preconceituosa. Além disso, ensinar aos estudantes uma história crítica sobre os diferentes grupos étnicos que compõem a formação do povo brasileiro, promover a igualdade e a diversidade na escola com a participação de todos os alunos, apresentar materiais que contemplam a diversidade racial, combater o eurocentrismo do currículo escolar e organizar ações que possibilitem a autovalorização de meninos e meninas pertencentes a grupos discriminados. Essas ações podem ser contempladas a partir do letramento racial, no qual o professor, o funcionário da escola e a própria comunidade escolar, se tornam aliados na luta antirracista, mesmo inserido em um contexto de racismo estrutural. A partir dos seus processos de acesso à literatura, formações, rodas de conversa, o repertório de letramento é fundamentado, possibilitando realizar atividades antirracistas na escola.

Neste sentido, o projeto *Africanidades* projeta novas ações, embasadas numa educação antirracista pensada desde a educação infantil até a EJA (Educação de Jovens e Adultos), possibilitando atividades durante todo o ano letivo. Em especial, a educação infantil é o espaço onde as crianças enfrentam os primeiros conflitos em relação a sua identidade e com essa proposta, objetivamos contemplar as lacunas existentes dentro do currículo escolar em relação ao ensino antirracista.

1.2 - A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LUTA POR UM ESPAÇO ANTIRRACISTA

Desde 2003, a lei 10.639 determina que as escolas de todo país, sejam elas públicas ou privadas, da educação infantil ao ensino médio, a trabalhar a cultura, a história, a luta e as contribuições do povo afrodescendente para a

formação do nosso país. A lei possibilita, através da aprendizagem, superar o racismo estrutural e combater as situações de negação de direitos por conta da cor da pele.

A educação infantil virou pauta importante a partir da década de 70 a 90, quando o desenvolvimento infantil e o reconhecimento da educação tornaram-se prioridade desde os primeiros anos de vida.

Entre o período da década de 70, ocorreu o movimento de luta por creches, que foi oficialmente criado em 1979, como resolução do Primeiro Congresso da Mulher Paulista, que lutavam por melhores condições de trabalho, e, entre as pautas de luta, estava a educação e a construção de escolas e creches de educação infantil para deixar seus filhos enquanto trabalhavam.

A partir dos movimentos das mulheres, a infância foi colocada na pauta das políticas públicas, reconhecendo a criança como possuidora de direitos e entendendo a infância como um período significativo e importante no desenvolvimento da criança. Assim, Santana (2006, p.36) define que,

(...) Falar em direitos supõe considerar condições básicas de exercícios de uma educação de qualidade para todos em nível dos sistemas educativos, como das instituições de Educação Infantil, em diálogo e parceria permanente com outras áreas de apoio: saúde, educação, bem-estar social, Ministério Público, Conselhos Tutelares e de Defesa dos Direitos da Criança.

A Constituição Federal de 1988 esclarece o conceito de Educação Infantil como espaço de aprendizagem, sendo o Estado responsável por garantir a educação a partir dos 4 anos de idade. Apesar do avanço, muitas crianças negras, principalmente da periferia, não conseguem acessar esse espaço escolar.

A educação étnico-racial dentro do contexto da educação infantil é constituída através do entendimento das instituições escolares, de que, nessa fase, é imprescindível atender a necessidades dos alunos pequenos, possibilitando lugares de socialização, acesso a literatura, brinquedos, jogos, promovendo momentos de ludicidade e equidade nas relações escolares e que as singularidades sejam respeitadas em todas as etapas da educação básica.

Uma das primeiras referências escolar que a criança tem na escola é o professor. A educação infantil permite, dentro de um espaço lúdico, trabalhar as questões étnico-raciais, potencializando situações significativas e importantes

para a aprendizagem da criança. Valorizar suas histórias, buscar biografias de pertencimento e afetividade, perceber a criança racializada com olhar atento e acolhedor, escutar suas reflexões acerca da sua história de vida, permite ao professor construir um espaço de pluralidade étnico racial no ambiente escolar.

Vale ressaltar que a criança que frequenta a educação infantil adquire memórias afetivas, traumas, percepções e hábitos. É também nesse espaço que as diferenças estéticas se tornam evidentes e provocam situações de conflito com a própria imagem, ou seja, as ações racistas começam a aparecer no ambiente escolar, em relação ao cabelo, a cor, aos traços (fenótipos negroides). A educação antirracista entra nesse contexto, promovendo equidade nas relações, fortalecendo o respeito ao próximo e construindo uma realidade que pense no coletivo, nas pluralidades, nas subjetividades diversas.

1.3 - CULTURA NA ESCOLA... CONEXÕES AFRICANAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola é o espaço onde as culturas se encontram e se conectam. A diversidade cultural se apresenta através dos diferentes costumes, crenças, hábitos, línguas, dentre outros.

A cultura em especial tem um papel importantíssimo nos primeiros anos de vida do ser humano, pois influencia no seu desenvolvimento e nas relações que estabelece com outras pessoas. Suas influências se conectam a partir das interações com a família, com a escola e a sociedade.

Sabemos que a cultura é transmitida de gerações em gerações e a escola é um dos espaços onde se partilha a diversidade. Sendo assim, a escola é responsável por acolher e trocar experiências, construir histórias e trabalhar para diminuir os impactos racistas e preconceituosos no ambiente educacional. Quando o aluno chega neste local, ele traz consigo uma gama de vivências e experiências culturais que devem e precisam ser valorizadas, pois além de ser o sujeito da aprendizagem ele também aprende com os diversos grupos sociais inseridos na escola. Mas tudo isso precisa ser trabalhado a regularmente com os professores e todo corpo escolar, levando em consideração o letramento racial que cada um já possui e proporcionar outros momentos de educação antirracista na escola.

O ensino das culturas na escola deve colaborar para que o estudante entenda desde a educação infantil qual a sua origem, qual a sua história, qual a sua ancestralidade e compreender que o Brasil é um lugar composto de uma diversidade cultural inigualável, e, que precisa ser conhecida, respeitada, estudada e valorizada. Quando inserimos no currículo escolar as questões culturais e raciais, estamos dando a oportunidade de a criança refletir e se reeducar para lidar com os preconceitos aprendidos nas relações sociais e nos ambientes familiares. Muitas literaturas conectam os professores e alunos nessa caminhada antirracista. Djamila Ribeiro (2019) escreveu o “*Pequeno manual antirracista*” que é um livro de bolso que traz contribuições para entender o racismo e combatê-lo. Para as crianças, o livro *Amoras*, de Emicida (2018), fala da importância de nos reconhecermos no mundo e nos orgulharmos de quem somos.

Educar através da cultura antirracista exige do professor, mais do que o cumprimento das obrigações que as leis propõem, uma postura ética que defenda as diversas manifestações culturais que são discriminadas ao longo dos tempos.

Dentro do projeto *Africanidades: cultura, memória e identidade negra*, desenvolvemos atividades com conteúdos sólidos, ampliando a formação e o conhecimento sobre a diversidade das culturas africanas, sua influência na história e na cultura do povo brasileiro, a cultura local da cidade de Feira de Santana e a cultura do Bairro Limoeiro, onde a escola está situada. A cultura de matriz africana dentro do projeto permite ao educando conhecer sua ancestralidade através da música, da dança, do teatro, das literaturas infantis, das imagens, das artes visuais, dentre outras.

Entendemos que a diversidade cultural é necessária e imprescindível nos espaços escolares e na nossa escola não é diferente. Pensamos em uma diversidade que demanda respeito e é vital para o dinamismo cultural. Educação de qualidade se faz a partir da valorização às diferenças, do respeito à diversidade, das interações entre os muitos sujeitos. Quando entendemos e organizamos um cronograma diferenciado para os/as estudantes que estão na iniciação do candomblé e precisam se ausentar por um período da sala de aula, estamos sim, respeitando o aluno enquanto decisão religiosa, abrindo espaço para que outros alunos não tenham vergonha de assumir sua religiosidade.

Para combater o racismo, a intolerância religiosa e o preconceito nos espaços escolares, é necessário um estudo criterioso, por parte dos educadores, sobre o continente africano e suas diásporas. As importantes características dos povos negros nos mais diversos campos, devem ser destacadas, assim como a resistência e a luta pela garantia dos seus direitos. A criança percebe que está sendo respeitada na sua diversidade cultural, quando na educação infantil, no espaço da brinquedoteca, disponibilizamos bonecas de diferentes cores, para que ela se identifique naquele lugar. O respeito à diversidade cultural e racial também acontece quando, além dos filmes da Disney com princesas e príncipes brancos, apresentamos audiovisual com histórias reais de crianças negras. O foco de exclusão deve ser notado diariamente pelos professores, a fim de incluir todas as necessidades do espaço escolar.

A cultura africana é rica em contos, mitos, penteados, brincadeiras, comidas, estampas, músicas, artesanato, danças e outros. O aluno precisa identificar- se neste lugar e sentir-se parte desta cultura e, a escola, é um dos diversos ambientes que podem proporcionar essa aprendizagem.

Ao propiciar ao aluno o encontro com essa rede de informações no seu cotidiano, estamos reconhecendo o nosso papel enquanto educadores e enquanto seres humanos. Inserir esse projeto na escola tem seus diversos obstáculos, pois, apesar das formações, cursos, estudos sobre o tema e a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e africana, alguns professores ainda manifestam resistência e tentam ocultar esse trabalho em sala de aula. Mas estamos resistindo, e, a cada negação de direito, construímos novas ações para implementar nossas atividades no projeto.

Essas conexões afro-brasileiras e africanas através dos currículos escolares oferecem ao estudante uma maior dinamização e democratização das histórias culturais do povo negro e consequentemente, formam cidadãos mais reflexivos e detentores de sua própria história e ancestralidade.

Entendendo a criança como ser social que transita entre os vários ambientes culturais, políticos, raciais e sociais, é perceptível o desenvolvimento de situações de cooperação, autoconhecimento e autonomia. Reconhecendo e respeitando as diferenças se tornará um cidadão crítico e com condutas antirracistas.

Desta maneira, o projeto *Africanidades* propõe ao aluno se identificar enquanto cidadão, conhecendo sua história, sua cultura, fazendo conexões com sua ancestralidade e transformando o legado racista deixado por outros povos.

Trabalhar arte na educação infantil é permitir que a criança potencialize suas expressões e compreenda sua forma de ser e estar no mundo, além de dar significados às imagens que ela vê, conhecer o outro e se conhecer, trabalhando o imaginário e outras expressões. Por ser uma necessidade humana de se expressar, o desenvolvimento da arte acontece nas esferas sociais e culturais, envolvendo a sensibilidade, a estética, as expressões e as interações com o mundo que o cerca (Ferraz; Fusari ,1993).

O projeto *Africanidades* permite aos nossos alunos perceber e entender o seu lugar no mundo. Possibilitamos através das atividades artísticas, sejam elas a dança, o teatro, as artes visuais, que o estudante conheça desde a infância os caminhos da sua ancestralidade e da sua etnia, se entendendo como cidadão e conhecendo o seu lugar no mundo, propondo um diálogo com as sensibilidades, sentimentos e reflexões.

Dentro do contexto da educação infantil, as artes, em especial, as artes visuais, são grandes aliadas para a criança entender o seu espaço de convivência, os acontecimentos, os costumes, as percepções através das imagens, permitindo conhecer texturas, cores, objetos e formas, além do uso da fotografia, como proposta pedagógica para trabalhar o pertencimento, valorização da imagem e autoconhecimento. Sendo assim, o desenvolvimento infantil acontece em etapas e permite que vivencie estímulos, raciocínio, criatividade, influenciando no desenvolvimento afetivo, intelectual e social.

Quando incluímos as artes em um contexto étnico-racial, as imagens têm um papel fundamental no desenvolvimento do pertencimento das crianças. Promover o conhecimento e a apreciação de obras de artistas de diversas origens e culturas, desde a primeira infância, possibilita uma das premissas mais importantes na questão da identidade: o autoconhecimento. A criança conectando-se a obras diversas em que se veem representadas, se sentirá acolhida, engajada, reconhecerá suas raízes e sua ancestralidade, além de se posicionar em relação a sua identidade.

Entendemos que as artes são expressões culturais, sociais e identitárias, e neste contexto, a arte afro-brasileira é viva, composta de vários elementos

estéticos, simbólicos e artísticos de importante influência em nosso país. Nossos alunos tiveram a oportunidade de visitar a exposição “*Carolinas*”. Organizada pelo Sesc Bahia (Serviço Social do Comércio), a exposição mostra através de fotos e biografia, a força das mulheres negras baianas, que, apesar das diversidades, construíram um legado de resistência e transformação, através da literatura, música e artes visuais, afirmado a importância da cultura negra e popular brasileira. Em outras atividades artísticas que acontecem na cidade e que contemplam o tema do nosso projeto, a escola se organiza para levar os alunos a conhecer essas diversas artes, como exposições, teatro, visitas pedagógicas, dentre outros. Além disso, as brincadeiras, músicas africanas e as artes visuais afro-brasileiras também são influências culturais para nossas crianças e colocamos na rotina escolar essas experiencias para que eles possam construir conhecimento através de inúmeras expressões artísticas.

Trabalhar a Arte afro-brasileira implica repensar a história do Brasil, as culturas aqui presentes, os territórios em que pisamos, de modo a levar os alunos a uma educação libertadora. Com Freire (1987, p.95) sabe-se que na concepção de educação libertadora:

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos.

Assim sendo, ensinar e aprender fazem parte do processo de construção do conhecimento e da identidade e, o lúdico, neste caso, é extremamente necessário nas aulas de artes da Educação Infantil, ou seja, a ludicidade é a primeira ponte de aprendizagem na infância e está referenciado nos documentos legais como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e nos Rcnei (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. O “brincar” e o “conhecer” e seus significados, transformam o espaço de brincadeira em aprendizagem significativa e de afirmação identitária.

É urgente a representatividade na Educação Infantil. Quando pensamos no projeto *Africanidades*, pensamos nas crianças e sua história. Desde o nascimento, elas são bombardeadas com a cultura europeia e norte americana e trabalhar na infância com a perspectiva de empoderamento é crucial. A virada de chave acontece quando o professor, implementa em suas aulas contextualizações de diversas etnias e provoca o aluno a conhecer mais sobre

sua identidade, ancestralidade ou cultura. Um exemplo interessante é trabalhar com as estampas africanas, suas cores, simbologias e geometria dos desenhos. A utilização desse elemento cultural na sala de aula, contribui para a valorização da diversidade cultural, étnica e reconhecimento da ancestralidade.

As artes visuais nos permitem entrelaçar essa representatividade e ajudar a criança a trabalhar sua criticidade e discutir os valores imbuídos nas atividades artísticas, em especial, as imagens representativas de seu povo. Refletir sobre a arte, ancorada nas relações étnico-raciais afro-brasileira, finca raízes na história e construção da identidade dos alunos, acentuando o respeito pelas diferenças, pelas artes e pela cultura.

O trabalho das artes visuais desde a primeira infância, baseada em um projeto que contempla as questões étnico-raciais na escola, na comunidade, no estado, no país e no mundo permite que a lei seja aplicada e tenha uma educação antirracista com embasamento teórico e prático. Neste contexto, não é preciso ensinar crianças pequeninas conceitos de escravidão ou racismo, mas visar uma educação voltada para igualdade e o acesso às culturas, dando valor as pinturas, esculturas, fotografias, desenhos, artesanato, costuras e estampas, criando tempo e espaço de apreciação dessas artes, sempre dando lugar para a escuta sensível das crianças.

Na sala de aula é onde o aluno demonstra, suas impressões sobre as questões raciais e entra em conflito em algumas situações. É neste momento que, tendo um projeto embasado e estruturado, é permitido ao professor, discorrer sobre o assunto e trazer novas possibilidades e reflexões, além de trabalhar o autoconhecimento com as crianças pequenas.

Trazer a arte afro-brasileira para a escola é repensar a história do povo negro em nosso país e a representatividade da pessoa negra para crianças negras. É afirmar essa identidade e permitir uma educação antirracista e libertadora. Assim, vamos trilhando o caminho, buscando trabalhar a diversidade. A proposta do nosso Projeto *Africanidades* vai muito além da obrigatoriedade das leis, mas por reparação a toda negação assistida e perpetuada durante séculos. Nossos alunos precisam ser representados e se sentirem pertencentes no meio onde estão inseridos, cada um com sua biografia e conscientes de que serão disseminadores de uma nova história.

2-A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O ERER EM FEIRA DE SANTANA: AS LEIS E DOCUMENTOS EM VIGOR.

Em 2019 foi publicado pela Secretaria Municipal de Feira de Santana (SEDUC), a Proposta Curricular do Ensino Fundamental da Rede Pública de Educação de Feira de Santana (PCEM). Este documento foi elaborado com formadores e professores do município para nortear os caminhos da educação na esfera municipal. Vários encontros, formações, estudos fizeram o caminho para execução deste texto. Assim surge o documento intitulado “*Relações étnico-raciais: Diálogos em construção...*”, que tem como objetivo, nortear as escolas municipais para elaborar suas próprias propostas curriculares de Educação Étnico racial na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

A proposta curricular de artes do município de Feira de Santana recomenda uma prática pedagógica baseada na multiculturalidade, ou seja, uma tendência construtivista com três grandes engajamentos: experiência, conhecimento e cultura (identidade). Alguns aspectos foram abordados e considerados durante as formações para a construção do documento. Entre eles a seleção de conteúdos, o destaque às artes visuais, os recursos e materiais utilizados nas atividades artísticas.

A partir da elaboração da lei que determina o ensino da História afro-brasileira e africana e, que apontam a Arte como suporte para ministrar os conteúdos no contexto desta temática, a proposta curricular do componente Artes em Feira de Santana propõe o seguinte (SEDUC, 2019):

- Garantir espaço nos currículos em Arte para o estudo da diversidade étnica brasileira nas artes, interessando as produções afrodescendentes e indígenas, os diálogos que tramam, e como as caracterizam e negam essas produções;

- Atentar-se ao modo como a diversidade étnica brasileira é dada a conhecer no ensino de Arte. Acrescentar conteúdos relacionados ao tema ao ensino de Arte não é suficiente para fazer valer nossa responsabilidade. O enfoque escolhido para a abordagem, às vezes irrefletidamente, fará da contribuição positiva ou negativa, maior ou menor. Se assim for, sabê-los sistematicamente e julgá-los é necessidade para a ação fielmente militante.

A base do documento norteador na esfera municipal surge a partir das mudanças em relação à política curricular nacional, entre elas, a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/ 1996) e a atual BNCC – Base Nacional Comum Curricular (20/12/2017). A partir destes documentos, determina-se uma nova política educacional, que garanta no currículo escolar a inclusão dos conteúdos sobre a História e Cultura afro-brasileira, africana, indígena, quilombola e cigana em todos os níveis da educação nacional.

Na construção do PCEM, os relatos de professores e professoras, em 2012, dizem que a escola era ou é um espaço de reprodução racista e discriminatória em seus diversos formatos. Diante dos diversos relatos, foi elaborado formações na perspectiva da educação intercultural crítica, visando concretizar uma educação antirracista e para diversidade, além de informar aos pais, alunos e comunidade a importância de conviver com as semelhanças e dessemelhanças com respeito, harmonia e cientes dos seu lugar na sociedade com direitos acatados.

Quando se fala de uma educação embasada na perspectiva intercultural crítica, Vera Candau (2015) defende a construção de uma sociedade democrática, plural e humana, por meio da educação e do diálogo entre grupos sociais e culturais, ou seja, propõem-se reinventar a educação na escola, questionando as relações sociais vigentes, discutindo as diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre os grupos sociais, socioculturais, de gênero, étnico-raciais, de orientação sexual, entre outros. Assim sendo, a educação neste contexto, visa enfrentar as desigualdades e construir uma sociedade que saiba respeitar e construir novas relações permeadas na aceitação das diferenças, entendendo que é necessário viver de forma igualitária acima de tudo.

Para a concretização desta educação na perspectiva intercultural crítica, é necessário enfrentar inúmeros obstáculos nos espaços escolares, ou seja, o preconceito, o racismo individual e a discriminação ainda regem as relações no meio social e, consequentemente na escola. Dentro deste contexto, nas formações para professores, muito foi relatado sobre a falta de discussão sobre a temática da educação para relações étnico-raciais, ou seja, os planejamentos

individuais ou coletivos não estabeleciam discussões ou conteúdos com práticas pedagógicas.

Sendo assim, a proposta curricular, que resultou nas formações de professores, tem como princípios norteadores para a execução de uma educação antirracista nas escolas municipais de Feira de Santana:

- Desconstrução de preconceitos e ideias equivocadas sobre as populações: negra, indígena, quilombola, cigana e outros grupos étnicos; rompimento com imagens negativas;
- Valorização das histórias, culturas e identidades africana, quilombola, indígena, cigana e de outros grupos historicamente subalternizados; viabilizar o debate em torno de algumas representações negativas sobre o continente africano e suas culturas;
- Orientação para gestoras/es, coordenadoras/es, professoras e professores no sentido de identificar e compreender os pressupostos teóricos e filosóficos das representações estereotipadas sobre esses grupos historicamente subalternizados: negros, indígenas, quilombolas, ciganos, entre outros;
- Combate ao racismo, preconceito étnico-racial, privação e violação de direitos humanos;
- Garantia de direitos, respeito às diversidades, diferenças e promoção da equidade social;
- Erradicação das desigualdades sociais, culturais e étnico-raciais;
- Estabelecimento e fortalecimento do diálogo entre os diversos grupos étnicos e raciais em nosso entorno;
- Valorização das diversidades, afirmação da esperança e crença na capacidade humana de transformação plena;
- Elaboração do processo educativo em redes solidárias de aprendizagem e produção de conhecimentos envolvendo todos os sujeitos da educação;
- Promoção de educação de qualidade social, antirracista e não discriminatória.

A materialização da proposta curricular em Feira de Santana se define como uma política de descolonização na educação feirense e valorização de um conhecimento diaspórico, pois as discussões acontecem em várias áreas do

saber, entre elas as Ciências Naturais, Ciências Exatas, Ciências Humanas e as Linguagens (Arte, Letras e Educação física).

Após discussões, relatos e elaboração do documento norteador, em 2013 a Seduc cria o Núcleo de Educação para as Relações Étnico Raciais e Educação Escolar Quilombola (NEREEQ), que tem como objetivo promover formação inicial e continuada para o público docente, profissionais do campo e educação escolar quilombola a partir de uma educação antirracista, construindo estratégias para garantir o debate permanente das relações étnico- raciais nas escolas.

Ainda neste contexto da elaboração do PCEM, os professores em formação concluíram que uma parcela dos docentes não conhecia as leis federais e suas diretrizes curriculares nacionais, mas explicitaram durante os encontros formativos que os currículos escolares municipais eram permeados pela cultura europeia representadas nos livros didáticos e a cultura negra é estudada como parte de um “rico folclore do Brasil”.

Neste documento ficaram deliberadas alternativas de conteúdos temáticos para subsidiar o trabalho pedagógico dos professores em sala de aula, sempre considerando o contexto em torno da escola e suas peculiaridades. A Secretaria de Educação continua implementando formações que promovam ações antirracista no espaço escolar e, a cerca de três anos, promove o Encontro Municipal de Educação Antirracista, contemplando toda a rede, com palestras, debates e ações para o enfrentamento do racismo e preconceito.

3.1- AFRICANIDADES: O PROJETO

A partir das reflexões nas reuniões pedagógicas e o entendimento sobre a importância de trabalhar o componente Artes concomitantemente com os estudos sobre as africanidades, a gestão escolar juntamente com os professores decidiram trabalhar com um projeto institucional, organizado pela coordenação pedagógica, intitulado: *Africanidades: cultura, memória e identidade negra*. Kramer descreve que a proposta pedagógica é um caminho, não é um lugar.

Uma proposta pedagógica é construída no caminhar. Toda proposta pedagógica tem uma história que precisa ser contada. Toda proposta contém uma aposta. Nasce de uma realidade que pergunta e é também busca de uma resposta. Toda proposta é situada, traz consigo o lugar de onde fala e a gama de valores que a constitui: traz também as

dificuldades que enfrenta, os problemas que precisam ser superados e a direção que orienta.

Neste sentido, a proposta pedagógica para o grupo05, foi pensada e trabalhada do mês de março ao mês de dezembro de 2023, no componente Artes na Escola Municipal Doutor João Duarte Guimarães, envolvendo os seguintes campos de experiência: Traços, sons, cores e formas; O eu, o outro e o nós; Escuta; Fala; Pensamento e Imaginação e Corpo, Gestos e Movimentos. Assim, toda equipe docente (professores, coordenadora pedagógica e gestão escolar) possibilitaram aos alunos trabalhar todos os eixos dentro do tema proposto.

A proposta de trabalho foi realizada no primeiro semestre (de março a junho) com a introdução de literaturas afro-brasileiras já destacadas no corpo deste texto, além de brincadeiras africanas, leitura de imagens, fotografia de penteados afro, geometria com as estampas africanas, personalidades negras feirenses e brasileiras, música africanas com coreografias, culinária africana para que as crianças pudessem conhecer sua história a partir desses instrumentos pedagógicos. O trabalho foi feito em todos os níveis da educação básica: Educação Infantil (crianças de 3 a 5 anos), Fundamental I -1º ao 5º ano (crianças de 6 a 12 anos), Fundamental II – 6º ao 9º ano (adolescentes de 12 a 16 anos) e EJA (adolescentes e adultos a partir de 17 anos).

A partir do segundo semestre (de julho a dezembro), demos continuidade à proposta pedagógica. Assim, dividimos as atividades em quatro momentos, os quais se completavam na amplitude maior que era trabalhar a fotografia como espaço de pertencimento. Essas quatro etapas seguiram uma abordagem qualitativa, onde o professor (pesquisador de arte), tem o contato direto e de tempo duradouro com seu sujeito de pesquisa (neste caso o estudante). A observação, as rodas de conversa, as análises das atividades, as reflexões, o desenvolvimento do aluno em relação ao tema, fizeram parte de todo processo de execução da proposta pedagógica, seguindo um cronograma reflexivo, contínuo e principalmente investigativo e participativo, a fim de proporcionar sentimentos de pertencimento e autoconhecimento.

3.2- A LITERATURA INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES...

Inserida no projeto *Africanidades*, a literatura infantil também teve seu espaço importante na construção da identidade étnico-racial dos alunos. Por serem estudantes de distrito (zona rural), a grande maioria não tem acesso às novas literaturas. Sendo assim, essa foi uma oportunidade de inserir novas leituras nas rodas de conversa, como por exemplo, contos africanos, literatura afro-infantis, dentre eles, *Amor de cabelo* (Matthey Cherry, 2020), *Neguinha, sim!* (Renato Gama, 2023), proporcionando reflexões sobre o tema, dando sempre ênfase aos autores negros que representam essa identidade.

Na educação infantil, a ludicidade está inserida em todo contexto escolar, pois o brincar e as reflexões no espaço de aprendizagem fazem com que os estudantes entendam com mais clareza a mensagem pela qual cada história pode passar e tornará a absorção do assunto muito mais leve e acessível. A abordagem *étnico-racial* nas leituras infantis contribui perceptivelmente na construção da identidade e no reconhecimento da cultura pelo mundo. A utilização da mensagem e das imagens de cada literatura, provoca na criança o reconhecimento da história do seu povo e colabora para o entendimento do pertencimento na sociedade. A construção da representatividade se dá a partir das afirmações que a comunicação com a leitura permite aos estudantes: imaginar sua realidade de acordo com o que entende, reflete e discute nas rodas de conversa e nas interações com os outros.

No processo de construção da aprendizagem e da identidade (das subjetividades), demos ênfase às leituras afro-brasileiras no Projeto *Africanidades*. Na busca por literaturas na biblioteca da escola, percebemos que a grande maioria dos livros são com personagens de características nórdicas (brancos, cabelos lisos e olhos azuis). Daí percebemos o quanto é inadmissível, a escola que em sua grande maioria é composta por estudantes negros (pretos e pardos) e, os livros, sendo um dos instrumentos de aprendizagem mais importantes na construção da identidade e da representatividade não é encontrado com facilidade e em grande quantidade no espaço escolar. A seleção foi minuciosa, mas encontramos alguns livros que serviram para trabalhar nas rodas de leituras. Outros livros fomos conseguindo através de compra em feira de livros, por sites ou baixando PDFs gratuitos na internet.

Demos prioridade às literaturas que abordam a representatividade, ou seja, a criança negra/parda como sujeito da história, participando da construção de sua cultura, dentre elas, as artes, a literatura, as pinturas, as fotografias, as imagens, a religião. A construção da identidade acontece a partir do momento que os referenciais atravessam a construção do conhecimento. Histórias reais, com personagens reais envolvendo personagens negros contribuem para a quebra de estereótipos já enraizados durante anos na construção da história do nosso povo.

Sendo assim, durante a execução do projeto, utilizamos muitas literaturas e vídeos dessas histórias para compor a intencionalidade das atividades. O livro de abertura das atividades foi o “*Neguinha sim!*” do autor Renato Gama (2023). A história contada e o vídeo musical trazem a celebração da identidade e ancestralidade negra, afirmando que o seu cabelo é pixaim e ela é muito feliz. Rapidamente os alunos aprenderam a música /texto e pediam todos os dias para iniciar a aula com o vídeo musical. Tanto o livro, quanto o vídeo, trazem personagens reais, crianças e adultos negros(as) representando cada aluno e isso os deixaram encantados e pedindo para trazer mais vídeos e histórias com esse contexto.

Foram utilizadas outras literaturas com a temática racial, das quais farei uma breve lista:

- Livro *Meu crespo é de rainha* (Bell Hooks, 2018) – leitura através de poema rimado e ilustrado que enaltece os fenótipos negros, entre eles, o cabelo crespo, sua beleza e diversas possibilidades;
- Livro *Betina* (Nilma Lino Gomes, 2011) – leitura sobre uma menina que adora tranças, trabalha autoestima e os conhecimentos passados de geração em geração.
- Livro *Amoras* (Emicida, 2018) – leitura que enaltece a beleza negra por meio de alusões com a natureza e o reconhecimento de si.
- Livro *Minha mãe é negra sim!* (Patrícia Maria de Souza Santana, 2008)
- leitura sobre a história de um menino cheio de orgulho que cria coragem e desenha sua mãe na tonalidade de cor de pele preta, e ainda diz que convida seu avô para dar aula sobre a cultura negra em sua escola.
- Livro *O pequeno príncipe preto* (Rodrigo França, 2020) - a leitura se concentra em torno do menino negro que espalha as sementes da Baobá, que

ele batiza de Ubuntu, por outros planetas, com o objetivo de mantê-la viva por meio da ancestralidade e de desenvolver uma relação de coletividade e união.

- Livro *As tranças de Bintou* (Sylviane Anna Diouf, 2001) - leitura sobre uma menina que vive na África e sonha ter tranças longas. Valorização da cor preta.

Outras literaturas foram utilizadas, sempre abordando a representatividade negra. A cada apresentação de uma nova leitura os alunos se identificavam e contavam histórias reais parecidas com as dos livros. As discussões eram calorosas e os alunos mostravam interesse por mais atividades com essa proposta e quando questionados, sabiam relatar e mostrar empoderamento nas respostas.

Sendo assim, o uso da literatura infantil proporcionou ao nosso projeto uma grande aliança, pois as reflexões não aconteciam somente no ambiente escolar, mas muitas famílias relataram a segurança das crianças quando questionadas sobre o assunto, além de levarem informações pertinentes ao seio familiar. Um exemplo foi a aluna L.P.G (6 anos) em uma roda de conversa dizer que ela tinha a cor “café com leite”, por que a mãe dela ensinou assim. Após o trabalho constante na sala de aula e nas atividades, a aluna já se declarava negra e a mãe muito feliz com o empoderamento da filha. A aluna L.V.L.J (6 anos), mostrava imenso interesse pelas leituras. Em uma roda de conversa, após a leitura do livro Amor de cabelo (Matthew Cherry), ela relatou que amava o cabelo dela e que mãe gostava de fazer vários penteados. Ela se sentia muito feliz.

3.3 -AUTORRETRATO: IMAGENS DE SI

Analisando todo contexto histórico sobre as questões étnico-raciais, percebe-se que necessário e urgente tratar deste tema desde os primeiros anos de vida, e é na Educação infantil que as diferenças e dessemelhanças começam a tomar forma. É interessante ressaltar que as crianças compreendem o mundo que as rodeiam a partir da realidade em que vivem, e assim representam esse universo de inúmeras formas, sejam elas através das brincadeiras, representando papéis, ou, nos seus desenhos, representando o que vê ou como interpreta o que vê.

Assim sendo, uma das propostas do Projeto *Africanidades* foi trabalhar com o autorretrato, já que na educação infantil a construção do desenho é a melhor maneira de conhecer e discutir temas relevantes para a aprendizagem dos alunos. Nos documentos legais já supracitados, as artes visuais devem contemplar três aspectos importantíssimos: o fazer artístico, a apreciação e a reflexão.

Segundo Rauen, o autorretrato a partir das artes visuais “é um subgênero do retrato e pode ser definido como uma imagem representativa da individualidade do seu autor, assim como o retrato genérico, buscar retratar particularidades do retratado”. Neste sentido, trabalhamos o autorretrato a partir de uma contextualização já planejada, com o intuito de dialogar e promover reflexões sobre os desenhos feitos pelos alunos, buscando desenvolver a sensibilidade, o olhar sobre a autoimagem e suas conclusões sobre a identidade. No autorretrato expressa-se tanto questões de aparência física quanto psicológica dos alunos, definindo sua personalidade em vários aspectos, mas em nosso trabalho, foi relacionado às questões étnico-raciais.

Na proposta do projeto *Africanidades*, utilizamos o autorretrato como um dos diversos meios para a construção da identidade dos pequenos, como momento de descobertas de si e suas impressões sobre o tema.

O trabalho foi realizado com a turma do Grupo 05 (crianças com 05 anos) do turno matutino. Neste primeiro momento, a intencionalidade é identificar qual a relação que eles têm com sua identidade, através dos desenhos feitos por eles próprios. Antes de iniciar estes trabalhos, focamos na leitura de imagens e literaturas infantis que abordam o tema étnico-racial. Na educação infantil sempre iniciamos a rotina diária com a leitura deleite. Essa leitura sempre tem uma intencionalidade e dentro do processo de execução do projeto, utilizamos vários livros de literatura infantil, dando maior ênfase aos produzidos por autores negros.

Disponibilizamos lápis de cor, giz de cera e hidrocor, dispostos coletivamente em duas mesas. Iniciamos os trabalhos pedindo para que todos se desenhassem, observando os detalhes físicos do seu corpo. Ao fundo, deixamos a televisão ligada com um clipe musical intitulado “*Neguinha sim!*”, do grupo Coletivo Sá Menina, que foi trabalhado juntamente com o livro infantil “*Neguinha sim!*” de Renato Gama.

Como instrumento de pesquisa, neste primeiro momento, fizemos uma discussão na roda de conversa sobre autorretrato e a utilização dos lápis de diversas cores, inclusive das diferentes cores de pele, para a produção do autorretrato.

Ao finalizar as produções, cada aluno (a) fez uma descrição do seu desenho, deixando suas impressões através da imagem desenhada e das falas. Dos cinco meninos que compõe a turma do grupo 05, somente um não se considerou negro. O estudante J.M. (6 anos) foi o único menino negro que em todas as intervenções do projeto se considerou “branco”. Mesmo com leituras, vídeos, imagens, músicas e outros dispositivos o aluno permaneceu com o mesmo conceito.

Todos os outros estudantes fizeram o autorretrato correspondendo a proposta inicial. Relatos como a da aluna M.C.O (6 anos) que disse que “tem orgulho da sua cor e não troca por nada” ou do aluno P.M.F.C (6 anos) que relatou sobre o cabelo: “- Todo mundo deve gostar do seu cabelo, o meu é lindo!”, evidenciou o quanto é necessário trabalhar o tema desde a iniciação da criança na escola. O aluno C.R. L (5 anos – autista), o único aluno branco da turma, também participou das intervenções e concluiu a proposta com êxito se identificando e se reconhecendo de acordo com sua cor.

Nesta atividade, a proposta pedagógica e as intervenções sobre o tema identidade e autorretrato proporcionou aos alunos o conhecimento sobre as questões raciais e consciência corporal. Foi percebido que ajudamos as crianças a sentirem-se valorizadas e descobrir suas características através das atividades pautadas no letramento crítico, contribuindo para uma educação voltada para a criticidade. As práticas do professor devem performar no sentido de ouvir e respeitar a diversidade na sala de aula, resgatando discussões, materiais, questionamentos e culturas capazes de auxiliar os alunos da educação infantil a construir sua identidade de forma responsável entendendo seu lugar na sociedade.

3.4- A IMAGEM DA IMAGEM: A FOTOGRAFIA ESPALHANDO AFRICANIDADES

No convívio com as crianças em sala de aula, percebemos o quanto estão conectadas com o mundo através do uso do celular. A partir dessa percepção, decidimos usar esse instrumento digital para trabalhar a questão da identidade racial e a valorização da imagem negra no espaço escolar e na comunidade.

A fotografia é um modo de representar as relações sociais através da imagem, expressando ou gerando uma reflexão crítica sobre os contextos sociais e conquistando diversas visões de mundo.

A fotografia torna um discurso visual a partir do momento que permitimos uma intencionalidade com aquela imagem: no caso do Projeto *Africanidades*, é permitir que as crianças se reconheçam a partir da sua etnia e sintam-se pertencentes do lugar onde vivem, com a autoestima elevada e sem vergonha de mostrar quem é.

Quando pensamos em fotografar, basicamente escolhemos as regras de composição, os ângulos, a iluminação e tudo pode ou não compor a cena e/ou lugar. Sendo assim, utilizar a fotografia como potência visual para trabalhar as questões étnicas com crianças pequenas a partir do que já é vivido naturalmente nos lares, com o uso do celular para tirar fotos ou selfies, foi pensado um trabalho educativo, trabalhando a empatia, o empoderamento e as relações afetivas com esses alunos e alunas. A partir do momento que uma criança fotografa outra criança e é fotografado também, configura-se um processo ativo de construção da identidade com intencionalidade e consciência racial.

Ao longo da execução do projeto, no qual trabalhamos por etapas interligadas, com o objetivo de enfatizar sobre a importância da imagem para o processo de construção da identidade dos alunos da educação infantil, expomos principalmente o uso da imagem de pessoas e personagens negros para que a criança se sentisse representada. Literaturas infantis, autorretrato, vídeos musicais e com histórias contadas e cantadas, fotografias de estudantes negros da própria escola, compuseram as estratégias de aplicação do projeto *Africanidades*, além de trabalhar a cultura, a memória e a identidade negra.

A utilização da leitura de imagens proporcionou aos alunos conhecer, refletir, interpretar e descrever a própria imagem a partir da fotografia. Esse caminho alternativo permitiu a construção do conhecimento étnico racial, além de trabalhar a interdisciplinaridade, pois na sala de aula acontece muito mais situações no qual o professor pode aproveitar para construir informação. Além

disso, o uso da fotografia na sala de aula, permitiu conhecer a história do povo negro numa perspectiva de empoderamento: apesar da história nos contar as situações de escravidão, preconceito, racismo, negação de direitos, preferimos apostar na busca pela ancestralidade e lugar de pertencimento na sociedade.

A descolonização do currículo é de extrema importância, principalmente na construção da identidade de crianças pequenas. Gomes (2012) propõe o compromisso com a des-invisibilização de culturas, filosofias, histórias, conhecimentos, subjetividades, desigualdades e a desnaturalização das relações de poder e os racismos que produzem silenciamentos, omissões e distorções – para finalmente, produzirmos outros conhecimentos, contra – narrativas e histórias locais.

Sendo assim, a fotografia, torna-se neste contexto, uma ferramenta que contribui para a valorização histórica, cultural e identitária de afro – brasileiros, nossos pequenos/ grandes estudantes negros. O uso da fotografia permite a afirmação positiva de imagens de meninos e meninas negras da nossa escola, além das reflexões a partir de uma consciência justa e igualitária, trilhando novos caminhos para uma educação antirracista.

4- PROPOSTA PEDAGÓGICA

4.1 - I MOMENTO – TORNAR-SE UMA CRIANÇA ANTIRRACISTA

Nesta primeira etapa do projeto, fizemos uma apresentação coletiva do que iria acontecer durante o segundo semestre. Essa é uma rotina na educação infantil: preparar os estudantes através de um roteiro para que os mesmos possam entender, nortear, organizar e orientar a turma.

Para iniciar o trabalho, foi apresentado ao grupo um vídeo intitulado: “Ninguém nasce racista”, produzido pela TV Globo para o Criança esperança. Este vídeo traz uma atriz negra e algumas crianças brancas e negras, nas quais deveriam falar palavras racistas contra a mulher, intermediado por um homem branco. Todas as crianças do vídeo não conseguiram desferir as frases, pois se colocaram no lugar da atriz, principalmente as crianças negras.

Logo após, propusemos uma roda de conversa, para que os alunos fizessem reflexões acerca do que foi apresentado em vídeo. Algumas perguntas

foram estabelecidas para que a conversa fluísse com naturalidade. “-Gostaram do vídeo?”, “-Do que fala o vídeo?”, “O que vocês sentiram ao assistir o vídeo?”, “-Vocês já viram situação igual a essa do vídeo? O que fizeram?”. A discussão foi calorosa e todos os alunos participaram, dando opiniões sobre o assunto.

A aluna M.C.O (6 anos) fez a seguinte reflexão: “Ela é tão linda! Todas as crianças gostam dela e da cor dela”. Já o aluno W.L.O.C (5 anos) diz: “As crianças não gostam de mentir. O homem está mandando elas xingarem. A moça não fez nada, só porque ela é pretinha?”. Neste momento os alunos começaram a discutir sobre o porquê as crianças não querer insultar a mulher negra. “Não devemos ter preconceito, temos que respeitar todo mundo!” diz L.P.G. (6 anos). “A cor dela é bela!” diz J.M.L (5 anos).

Este primeiro momento, após todo trabalho feito no primeiro semestre com as literaturas, músicas, vídeos e outros contextos pedagógicos, percebemos como foi importante inserir a temática ao longo do ano letivo, dentro do planejamento de todos os componentes, pois fomentou a cultura do empoderamento entre todas as diversidades, conhecer a percepção dos alunos acerca das questões étnico-raciais e desenvolver as práticas de respeito às diferenças.

Após a execução da proposta, vi a necessidade de deixar claro, que aprendemos na prática e nas socializações (por isso afirmo a importância das formações de professores e aprofundamento das leituras antirracistas). A escolha do vídeo, a priori, pareceu-me algo bastante interessante para reproduzir com a minha turma de educação infantil. Estamos tão impregnados de concepções eurocêntricas que não percebemos o quanto esse vídeo traz essa carga de falsa reparação histórica. Não podemos tentar explicar o mundo da história e da cultura afro-brasileiros e do racismo no caso específico deste vídeo, a partir de um ponto de vista europeu. Colocar crianças negras, vítimas do racismo cotidiano, para reproduzir os ataques que sofrem é a melhor opção no combate ao racismo? Com certeza, não, jamais! Para envolver a comunidade negra em um espaço midiático ou em qualquer outro lugar de fala, é deixar que expressem o que vivem e, não trazer frases já formuladas (neste caso, por pessoas brancas), para construir um enredo que já vivem cotidianamente. Outra percepção é entender, que os negros, indígenas, ciganos e outros povos, devem produzir e discorrer sobre a sua própria história. Essa biografia sim, terá um

enredo verdadeiro, vivo, potente, carregado de ancestralidade, identidade e construção histórica. É necessário deixar registrado que, o processo de educação antirracista será carregado de situações nas quais, precisaremos reavaliar nossas propostas pedagógicas todos os dias. Como essa atividade foi feita no segundo semestre de 2023, no ano seguinte já fiz a mudança da proposta, trabalhando com vídeos musicais de empoderamento com crianças negras cantando, além de trazer símbolos SANKOFA (ideograma Adinkra que representa um pássaro com a cabeça voltada para trás e que é símbolo de resistência e lembrança da história afro brasileira e africana, muito utilizada em estampas africanas.)

Nas fotos abaixo, registros dos momentos de interação e participação dos alunos no primeiro momento da atividade realizada dentro da proposta pedagógica do Projeto *Africanidades*.

FOTO 1: Alunos assistindo o vídeo – “Ninguém nasce racista”



Foto 2: Momento da intervenção com as crianças



4.2 - II MOMENTO: RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO ATRAVÉS DO BRINCAR

Esse segundo momento foi individual com cada aluno, utilizando bonecas brancas e negras do acervo da brinquedoteca da escola. A intenção da atividade era que os alunos e alunas respondessem as perguntas já estabelecidas pela professora pesquisadora e entender se o processo de reconhecimento da identidade étnico-racial estava realmente sendo praticado pelas crianças.

A intervenção com bonecas brancas e negras na sala de aula foi realizada da seguinte maneira: Disponibilizei duas bonecas, uma branca e outra negra, sentadas em cadeiras separadas na sala de aula. O(a) aluno (a) observará as bonecas sem intervenção da professora pesquisadora.

Após observação, a professora pesquisadora fez as seguintes perguntas:
(foi gravado em vídeo)

- Qual a boneca branca?
- Qual a boneca negra?
- Qual boneca é bonita?
- Qual boneca é feia?
- Qual boneca é boa? Por que é boa?
- Qual boneca é má? Porque é má?

- Qual boneca se parece com você? Dependendo da resposta outras intervenções foram feitas.

Mas uma vez constatamos através desse trabalho que a maioria das crianças conseguiram se reconhecer nas bonecas, identificando sua cor e não mostrando nenhuma situação de negação ou racismo. A aluna L. P. G (6 anos) declarou que a boneca branca se parecia com ela por que era da cor “bege”. Já a aluna M.C.O. (6 anos) disse que a boneca negra se parecia com ela por que tinha a mesma cor de pele.

Um dos registros que mereceu mais atenção foi o do aluno J.M.S (6 anos). O estudante relatou que achava a boneca branca mais bonita porque ela “falava” e quando ele procurava uma boneca negra nas lojas que falasse, não encontrava...era muito difícil. Outra situação que o mesmo aluno explanou foi sobre a aparência da boneca negra: “- A cara da boneca negra é má por que não fala!” e, ao perguntar com qual boneca se parecia, ele apontou para a boneca branca. Esse aluno, desde o início das nossas atividades sempre se considerava um menino branco, mesmo sendo de pele negra.

Já o estudante P.M.F.C. (6 anos) era o mais entusiasmado com as atividades. Nesta proposta das bonecas, a todo momento ele declara que a boneca negra era linda e os cabelos eram iguais aos dele e que gostava muito do seu cabelo e da sua cor negra.

Ao longo desta atividade, percebemos o quanto é necessário às crianças conhecerem sua identidade e a história de seus ancestrais. Percebemos também que este grupo em questão quando colocados na brinquedoteca com o acervo de bonecas negras e brancas, a grande maioria interagia com os dois tipos de brinquedo, sem distinção de cor. Quanto às perguntas já pré estabelecidas, sentimos a necessidade de colocá-las em pauta para perceber o quanto nossos alunos conseguem entender que não há bonecas boas e más, nem feias ou bonitas. Nesse sentido, a grande maioria não identificou uma ou outra.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), indicam propostas pedagógicas para que os alunos possam se apropriar de contribuições culturais e históricas, se valorizando e se reconhecendo, além de estabelecer respeito e interação com as histórias afro-brasileiras e africanas, afim de combater qualquer forma de discriminação.

FOTO 3: Intervenção com as bonecas



FOTO 4: Intervenção com as bonecas



Pensando nesta proposta pedagógica e compactuando com as orientações das DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil-2010), permitimos dar voz às crianças, acolhendo suas formas de significar o mundo, principalmente na educação infantil, promovendo seu desenvolvimento integral. É importante salientar que a execução do projeto e suas práticas pedagógicas precisam ser articuladas de acordo a necessidade dos alunos, interagindo com os conceitos estudados e adequando a sua realidade social.

A execução desta proposta com bonecas brancas e negras, também me trouxe reflexões acerca do dispositivo pedagógico em sala de aula, para a construção de uma educação antirracista. Ao trabalhar com as perguntas já pré-estabelecidas com os alunos, inserir neste contexto (sem um propósito estabelecido), uma visão binária da situação, ou seja, um duelo entre o bem e o mal, entre o feio e o bonito, e, a intenção do trabalho era que as crianças se identificassem com as bonecas a partir das atividades (leituras, vídeos, rodas de conversas sobre as questões étnico - raciais). Apesar disso, algumas respostas me surpreenderam. Mas, enquanto professora antirracista, concluo que novas propostas serão organizadas para que ocorrências como essas não aconteçam, sempre reavaliando o trabalho pedagógico e modificando as ações antirracistas

na sala de aula. Todo professor antirracista terá esses enfrentamentos durante suas atividades laborais, mas o importante é reconhecer que precisamos tornar acessível nossas práticas (as que deram certo ou não), para que outros professores reflitam sobre suas atuações no espaço escolar.

4. 3 - III MOMENTO: UMA EXPRESSÃO DE IDENTIDADE: AUTORRETRATO

Nesta terceira etapa da proposta pedagógica, foi escolhido para iniciar o trabalho, a leitura do livro infantil do autor negro Renato Gama, intitulado “*Neguinha, sim!*” e ilustrações de Bárbara Quintino. A escolha desta literatura infantil foi justamente pela leitura divertida e adequada para a educação infantil, além das ilustrações bem pertinentes ao tema, englobando a cultura negra e a ancestralidade.

Foi escolhida a brinquedoteca para realização da proposta pedagógica. Iniciamos com a leitura do livro, mostrando todas as imagens e utilizando uma entonação que prendesse a atenção dos alunos. Após a leitura, abrimos uma roda de conversa para discutir sobre a leitura.

As crianças se identificaram com as imagens visuais do livro, pois mostrava o cabelo black que era igual a maioria dos estudantes da sala. E vale ressaltar que elas usam presos todos os dias para assistir a aula. A aluna L.V.L.J (6 anos) disse: “O cabelo dela fica igual ao meu quando eu solto...eu fico linda de cabelo solto”. Já o aluno P.M.F.C (6 anos) exclamou: “– Meu pai sempre disse que meu cabelo é black power! Eu gosto muito do meu cabelo!”. A pequena M.C.O (6 anos) relatou que: “O cabelo black pode fazer vários penteados bonitos!”.

A roda de conversa foi muito produtiva e algo que chamou a atenção foi principalmente a fala das meninas em relação aos cabelos, pois disseram que as mães não deixam vir para a escola de cabelo solto por causa dos piolhos. Fizemos a intervenção de que escolheríamos um dia, dentro do calendário letivo, para que todas soltassem seus belos cabelos e desfilassem na escola. Elas amaram a ideia.

Logo após a roda de conversa, foram utilizados dois vídeos: um do Coletivo Sá Menina e o outro do Quintal da Cultura, mas os dois, com a mesma letra da música, pois o livro *Neguinha, Sim!* também é musicado. Foi um encanto

apresentar os vídeos, principalmente o do Quintal da Cultura que traz várias meninas cantando o texto musicado e mostrando os diversos tipos de black power. Rapidamente os alunos aprenderam a música e pediram para reproduzir a todo instante. Foi um momento muito acolhedor e significativo, pois as crianças se identificaram muito ao ver meninos e meninas negras sendo representadas no vídeo. E escutamos falas como: “- O cabelo dela é igual ao meu!”, “Olha! Ela se parece comigo!”, “Que música legal!!! Fala da gente!!”.

Em seu livro “Como ser um educador antirracista” (2023), Bárbara Carine discorre seu texto fazendo provocações aos professores e diz que a representatividade é muito importante, pois, onde a gente não se vê, não se pensa, não se projeta. A partir do momento em que nós, professores, entendermos que representatividade muda histórias, vamos ter meninos e meninas negras empoderadas e cientes do seu papel na sociedade.

Ainda nesta terceira etapa do trabalho, após leitura e escuta do áudio visual *“Neguinha, sim!”*, optamos por realizar uma intervenção artística na aula de artes: o Autorretrato. Essa proposta visa compreender como as crianças se veem a partir do contexto étnico-racial, diante as propostas já realizadas durante o ano letivo.

Disponibilizamos nas mesas da brinquedoteca, lápis de cor, giz de cera e canetas hidrográficas coloridas, além de uma moldura em papel ofício já organizada pela professora. Deixamos à disposição de todos os materiais para que pudessem explorar sua identidade e autoestima através do próprio desenho.

Para acompanhar essa proposta, colocamos o vídeo musical *“Neguinha, sim!”*, a fim de deixar um ambiente leve, educativo e descontraído, sem intervenção da professora pesquisadora, apenas com a instrução de que deveriam fazer seu autorretrato de acordo como se veem.

Ao terminarem a construção do autorretrato, todas as crianças tiveram a oportunidade de apresentar seu trabalho artístico e fazer considerações acerca das suas características físicas e observar e apreciar o desenho dos colegas e suas intervenções.

FOTO 5: Leitura do livro “Neguinha, sim!”



FOTO 6: Apresentação do vídeo



Considerando o campo de experiência “*Eu, o outro e o nós*” (BNCC), trilhamos os objetivos já organizados por este documento, onde os alunos devem perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças, demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade de enfrentar dificuldades e desafios. Assim, o autorretrato foi realizado pelos alunos de forma individual e sem intervenções, buscando que cada um se apresentasse em forma de desenho como são.

Foto 7 e 8: Momento da execução do trabalho - Autorretrato



FOTO 9 E 10: Construção individual do autorretrato



Percebemos no momento da execução da atividade que os alunos não ficaram dispersos e trabalharam a fim de realizar a proposta indicada pela professora. Os questionamentos eram acerca do local onde eles estavam, ou seja, se podiam se desenhar na escola, em casa, em uma praça. Deixamos de livre escolha. Ao finalizar os desenhos, percebemos que a proposta foi alcançada e todos fizeram de acordo com o que foi trabalhado nas etapas anteriores. A questão étnico-racial foi percebida através das cores das quais se pintaram e nas falas na apresentação de sua obra de arte.

Foto 11: Momento do desenho - Autorretrato



FOTO 12: Apresentação dos trabalhos



FOTO 13: Apresentação dos trabalhos

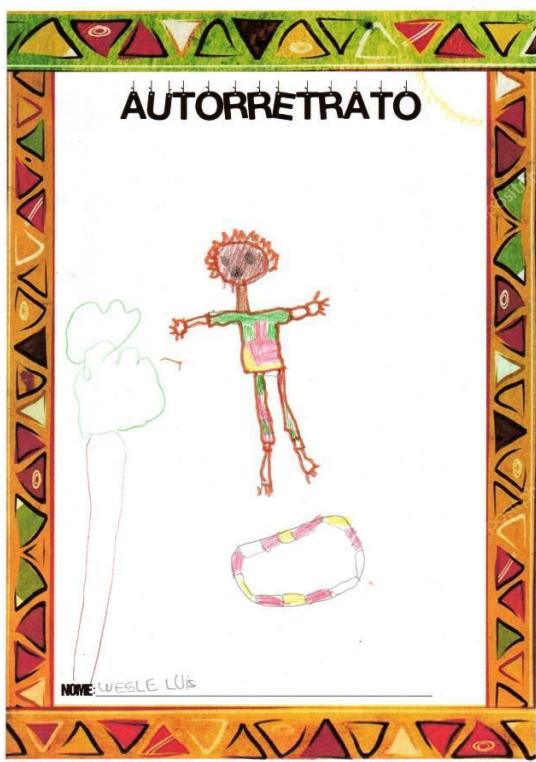
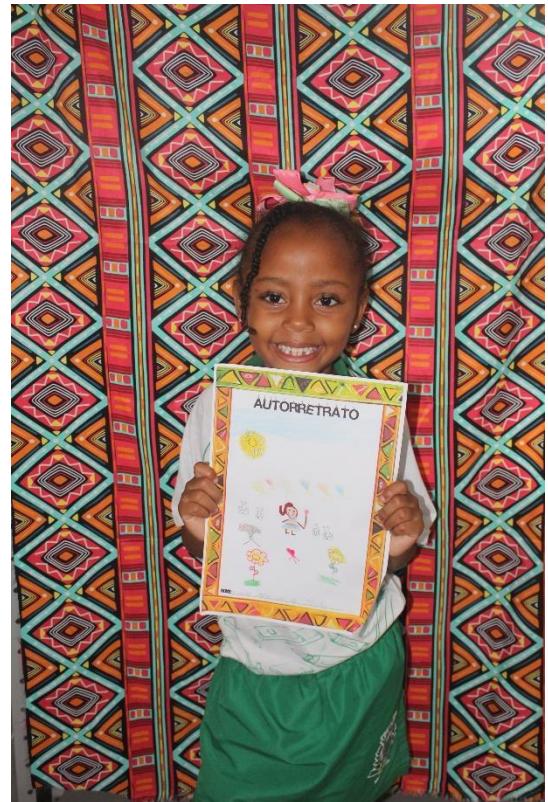


FOTO 14: W.L.O.C (5 anos)



FOTO 15: P.H.S.S (6 anos)

Assim, inserir a criança como autor da sua própria história, reconhecendo sua identidade, tendo autoconfiança, se conhecendo e conhecendo o outro foi um dos vieses da execução deste trabalho com autorretrato. A partir desta proposta, demos voz e vez a meninos e meninas, considerando seu espaço, sua história, sua ancestralidade através dos diálogos e produções artísticas realizados no ambiente escolar. Consideramos que a arte e suas interações através das várias possibilidades artísticas, ajuda a compreender as questões étnico-raciais na infância e a interagir conscientemente com o mundo.

4.4 – IV MOMENTO: FOTOGRAFANDO NOSSA BELEZA NEGRA

A quarta etapa da nossa proposta aconteceu juntamente com a culminância do Projeto *Africanidades: Cultura, Memória e Identidade Negra*. Neste dia, todas as turmas da escola, apresentam o resultado final das atividades realizadas durante o ano letivo. Como a instituição possui uma quadra de esportes com arquibancadas, convidamos os pais, responsáveis e comunidade escolar para assistir e visitar os trabalhos realizados pelos alunos.

Para finalização do projeto, foi escolhido para o grupo 05 uma intervenção fotográfica, na qual, os alunos tiraram fotos uns dos outros, antes do desfile final da turma.

Durante a etapa III, as alunas demonstraram o desejo de vir para a escola com o cabelo solto black power ou com penteados afro. Assim propomos que, juntamente com as famílias, todos os alunos iriam participar de um desfile afro, no qual deveriam participar com roupas de estampas africanas e penteados afros. As famílias participaram ativamente desse processo, enviando para a escola no dia da culminância todos trajados conforme a proposta do projeto.

Iniciamos neste dia a intervenção fotográfica com o uso do celular da professora. Grande parte dos alunos e alunas já tem contato com aparelhos celulares dos pais e sabem fazer “selfie”. Aproveitamos esse conhecimento e inserimos a proposta de fotografar o colega de classe antes do desfile final.

Essa atividade foi bastante divertida pois, tanto os meninos, como as meninas estavam deslumbrados com os penteados e as roupas que estavam vestidos, sentindo- se empoderados e autoconfiantes.

Em vários momentos da execução das fotografias, eles declararam: “Pró, estou igualzinha a menina do Neguinha sim!”, ou “Pró, olha como estou bonita com meu cabelo de black power!”. Um dos meninos falou: “- Estou parecendo um príncipe africano com essa roupa!”. Foi um momento bastante potente, no qual os alunos estavam mostrando sua verdadeira identidade através das poses para as fotos.

FOTO 16: Momento fotográfico



FOTO 17: Momento fotográfico



FOTO 18:Foto capturada pelo aluno



FOTO 19:Foto capturada pelo aluno



Após a execução da fotografia feita por todos os alunos do grupo 05, conduzimos as crianças para a quadra de esportes, onde aconteceu a

culminância do projeto. Finalizamos com o desfile de estampas africanas e penteados afro, ao som da música “Black, black”. Foi um momento de grande emoção e demonstração de alegria, diante da autenticidade dos alunos e alunos em declarar sua identidade através da sua ancestralidade. Além desta atividade, expomos em um espaço, um trabalho de artes visuais: telas pintadas por eles de uma menina negra com o penteado black power.

As fotografias realizadas pelos estudantes farão parte de um painel fotográfico na área da escola a partir do segundo semestre de 2024, compondo as atividades do Projeto *Africanidades* deste mesmo ano letivo, mostrando as potencialidades de cada aluno e interagindo com a comunidade escolar sobre a importância do empoderamento desde a infância.

FOTO 20: Desfile



FOTO 21: Desfile



Vale ressaltar que, apesar de serem alunos de baixa renda, alguns com familiares sem condição financeira, a proposta foi integralmente acolhida pelos responsáveis e aceitamos todos os tipos de indumentárias enviadas pela família. A ideia principal era que todos tivessem compreendido a proposta, e envolver a família nesse processo era fundamental para falarmos a mesma língua com as crianças. A escola deve caminhar com a comunidade escolar e envolve-la o máximo possível nas contribuições pedagógicas e principalmente nas questões étnico raciais, de identidade e empoderamento. A emoção das mães, pais e responsáveis em cada palavra, em cada atividade, em cada reconhecimento e crescimento identitário nos fez concluir que o objetivo foi alcançado.

FOTO 22: Telas pintadas pelos alunos



FOTO 23: Turma do grupo 05



FOTO 24: Painel com a exposição fotográfica feita pelos alunos



5 – OS DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A educação antirracista nos apresentou inúmeros desafios na execução do Projeto *Africanidades*, dentro da nossa escola. A proposta pedagógica no seu primeiro ano de implementação, desmascarou algumas atitudes e reações do corpo docente e funcionários de apoio, além de repúdio de alguns pais e familiares dos estudantes.

Em relação aos professores, temos um quadro docente bastante peculiar: desde professores com mais de 35 anos de serviço, como professores iniciantes, com dois, três anos de carreira. Neste sentido, os educadores com mais tempo de serviço, demonstraram resistência e não executavam as atividades antirracista em sala de aula. Até nas formações que fizemos para todas as pessoas que compõe o quadro escolar como forma de promover um ambiente antirracista, foi ignorado por alguns desses professores com mais tempo de serviço. Houve um momento que, no dia da culminância do projeto, uma professora relatou que achava inadmissível trabalhar esse tema na escola somente em um dia, sendo que, nossa proposta de trabalho acontece durante todo ano letivo, o que configura que ela não trabalhou nada em sala de aula, apesar das orientações e conversas com a coordenação pedagógica.

Em outra situação, uma funcionária do apoio, no momento da fila dos alunos para o lanche, a criança entrou na fila duas vezes para pegar merenda. A funcionária, na frente de todos os alunos disse: *-Que neguinha ousada viu? Não vai pegar merenda nenhuma!* Foi um momento estarrecedor, pois tínhamos vindo de uma formação onde abordamos vários tipos de situações racistas. Depois de uma longa conversa com a criança, a família e todos os envolvidos, resolvemos desligar a funcionária da equipe escolar e efetivar mais ações antirracistas no espaço escolar.

Além das situações supracitadas, outro empecilho bastante crítico é com relação às famílias evangélicas. Desde o início do projeto, realizamos reuniões e conversas individuais com os envolvidos, mas pouquíssimos entenderam e confiaram na proposta pedagógica da escola. Todos declararam que o tema é sobre “macumba” ou “candomblé” e negam a participação dos filhos nas atividades. Propomos outras atividades, com temas relacionados ao projeto, mas se isentam e não deixam os alunos realizarem. Em algumas situações, alunos

negros evangélicos nos pedem para conversar com a família, para liberar sua presença na culminância do projeto, pois entende que faz parte da sua história e quer conhecer e aprender mais sobre sua ancestralidade, mas recebem o retorno negativo.

Nomear as violências e desafios ocorridos dentro do espaço escolar, nos faz repensar diariamente em novas ações que possam romper com a perpetuação do racismo e da intolerância religiosa. Ao entender a força de uma perspectiva pluriversal (que permite a interação com várias formas de conhecimento, compreendendo a forma de perceber o mundo, compreender a si mesmo, os outros e os mundos, através da pluralidade) na educação, entenderemos que somos capazes de não apenas enfrentar os efeitos do racismo, mas também de inserir as diversidades – de gênero, étnico-racial, cultural, religiosa, de classe – como valores importantes nas práticas pedagógicas, desde os conteúdos até os métodos aplicados para construção do conhecimento.

Nosso ambiente escolar, além de enfrentar inúmeros casos de racismo, também promove relações de equidade e inclusão, contribuindo para fortalecer as questões de identidade e espaço de pertencimento, fundamentado por uma proposta educacional antirracista.

Assim, acreditamos que, o ponto de partida para continuarmos trabalhando com uma educação antirracista é garantir uma formação para a resistência, democracia, liberdade e direitos humanos.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte emerge como uma poderosa ferramenta de expressão e reconhecimento étnico-racial na educação infantil, desempenhando um papel fundamental na construção da identidade e na promoção do respeito à diversidade. Ao trabalhar a pluralidade cultural, em suas diversas instâncias artísticas, celebramos as diferentes origens, histórias e experiências que compõem a sociedade.

Através da construção do autorretrato, uso da fotografia, leitura das literaturas afro – infantis, pintura de telas, contato com as estampas africanas, as crianças tiveram a oportunidade de se ver representadas e de reconhecer a riqueza de suas próprias heranças culturais. A inclusão de imagens que

retrataram diversas etnias, tradições e modos de vida contribui para a formação de uma consciência crítica e para o fortalecimento da autoestima. Ao se reconhecerem nas imagens, as crianças se sentiram valorizadas e compreendidas, o que é essencial para seu desenvolvimento emocional e social.

Além disso, a arte pode e deve ser um catalisador para o diálogo sobre questões étnico-raciais, principalmente na educação infantil. Quando utilizamos no contexto educacional, provocam discussões significativas sobre identidade, equidade e preconceito. Tais diálogos foram fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e respeitosos, capazes de atuar em uma sociedade multicultural.

É importante que nós, professores, estejamos cientes do potencial das artes como uma ferramenta pedagógica. Isso requer uma abordagem crítica e reflexiva, que considere as vozes e experiências das crianças, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo. A formação continuada dos profissionais da educação é essencial para que possamos utilizá-la de maneira eficaz, sensibilizando-se para as questões étnico-raciais e adotando práticas que favoreçam a equidade. Conseguimos, através deste projeto, potencializar as questões de identidade racial e autoestima.

Por fim, ao integrar a arte como um espaço de reconhecimento étnico-racial na educação infantil, estamos não apenas educando para a diversidade, mas também contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, a arte se torna um meio de empoderamento, onde as crianças podem se ver, se valorizar e se reconhecer como parte integrante de um todo plural e vibrante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CANDAU, Vera Maria Ferrão & KOFF, Adélia Maria Nehme Simão e. **Revista: Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 329-348, abr./jun. 2015.
- 2 CANTON, Kátia. **Espelho de artista**. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- 3 CAVALLEIRO, Eliane. **Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor**: In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- 4 Feira de Santana. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular da Rede Pública Municipal de Educação de Feira de Santana – Educação para as Relações Étnico-raciais: Diálogos em construção...** – Volume 09. Feira de Santana: SEDUC, 2019. 119 p.
- 5 Feira de Santana. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular da Rede Pública Municipal de Educação de Feira de Santana - Arte: Diálogos em construção...** – Volume 02. Feira de Santana: SEDUC: 2019. 96p
- 6 FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende; **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.
- 7 FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- 8 GAMA, Renato. **NEGUINHA, SIM!** Renato Gama; Ilustração Bárbara Quintino. 1ª edição- São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.
- 9 GOMES, N. L. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr. 2012. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em: julho 2024.
- 10 GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico raciais e a Lei 10.639/03.2011**.
- 11 KRAMER, S. **Propostas pedagógicas e curriculares: subsídios para uma leitura crítica**. Educação e sociedade. Ano XVIII, n. 60, dezembro, 1997.
- 12 LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL: Nº 9394/96. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- 13 PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023. 160p.

- 14 RAUEN, R; MOMOLI, D. **Imagens de si: O autorretrato como prática de construção da identidade.** Educação, artes e inclusão. Volume 11. Número 01: 2015.
- 15 SANTANA, Patrícia Maria de Souza. **Educação Infantil.** In: **BRASIL. Ministério da Educação.** Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais. Brasília: SECAD, 2006.
- 16 SILVA, T. R. (2018). **A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA E NEGRA DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL.** *Cadernos De Estudos Sociais*, 32(2),53–75.
- 17 SILVA, Tomaz Tadeu Da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: **SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes,2000. Disponível em: http://ead.ucs.br/orientador/turmaA/Acesso/web_F/web_H/file.2007-0910.5492799236.pdf. Acesso em 02/05/2024